



“CRISE” NA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA O TEATRO DO BEM E DO MAL

“Por que é a nossa destruição que eles querem, física e mentalmente o mais que puderem.”

(Música “Atividade”, Us Nequin Q Ñ C Kala)

Já dizia o grande poeta uruguaio Eduardo Galeano, que na luta entre o bem e o mal é sempre o povo que morre. No caso do Rio de Janeiro, a frase traduz uma dura realidade. Há alguns anos o estado do RJ é alvo de uma política de segurança que é um verdadeiro **terrorismo de estado**, servindo como uma referência nacional para o tratamento das questões sociais, transformando a cidade em uma urbe turística, onde os pobres não combinam com a decoração do palácio carioca sonhado pelos empresários do setor hoteleiro e da construção civil. E os marcos desta política estão vivos.

Em 2006 com os jogos Panamericanos, sob desculpa da proteção das delegações estrangeiras, o governo federal armou e equipou as forças repressivas, anunciando a barbárie que estaria por vir. Em 27 de junho de 2007, o governo do estado assassinou no Complexo do Alemão 19 pessoas, 11 destas sem nenhum tipo de envolvimento com o tráfico de drogas. Relatórios posteriores¹ indicavam que muitas das mortes foram execuções à queima-roupa. Na época da chacina, a mídia burguesa no Rio de Janeiro publicou fotos de vários corpos, com o chão das vielas do Alemão sujo de sangue, comparando a ação a Guerra do Iraque. Em destaque nos jornais, um policial militar fumando charuto virou o

símbolo da nova política de segurança. Um xerife delirante em meio à “guerra”, apreciando charutos após as operações; consolidando o “bom mocismo” policial, um “John Wayne” que exterminava, ao invés de índios, pobres, favelados e negros. Um representante da tropa do “bem”.

A partir de então, o discurso assumido pelos intelectuais de direita, pelos políticos e por grande parte da classe média alinhou-se com o projeto das elites e o discurso da **guerra urbana**, que se consolidou, enfim, com o filme *Tropa de Elite*, **curiosamente** lançado poucos meses após a chacina do Alemão. O argumento das elites passou a assumir a forma do “Capitão Nascimento”: a perda de inocentes fazia parte, por esta lógica, das “baixas” necessárias à eliminação do poder do tráfico no Rio de Janeiro, localizando-o apenas nas regiões pobres e periféricas da cidade.

Com a escolha do Rio como Cidade-Olímpica e uma das sedes da Copa do Mundo, veio a “retomada” militar do Complexo do Alemão, que, pelas palavras² do Secretário de Segurança, era “o coração do mal”. A ação se “legitimou” com um novo discurso³ produzido nos bastidores da imprensa, alinhada com o discurso oficial da secretaria de segurança pública e do governo federal, a ponto de não sabermos onde terminava a ponta da caneta e começava o gatilho do fuzil. A estratégia de produção do discurso se pautava pela lógica maniqueísta **da luta do bem contra o mal**. No

fim da operação um saldo bem abaixo de presos decepcionava os jornalistas corporativos, ávidos pela vingança contra os párias que povoavam de temores o imaginário das elites.

Moradores do Alemão, mesmo desacreditados pelo discurso oficial, já denunciavam, nas redes informais, que a alta hierarquia do tráfico de varejo (pois a do atacado evidentemente não vive nas comunidades) já tinha conseguido fugir com a ajuda de policiais civis e militares: a “tropa do bem”. O Complexo do Alemão tornou-se um garimpo policial. Nas palavras de um soldado da PM divulgadas pelas recentes investigações da Polícia Federal, ele afirma que o Complexo virou uma “Serra Pelada”, onde forças de segurança garimpam o ouro das jóias dos traficantes e o dinheiro vivo da venda de drogas. O “garimpo”, obviamente, incluiu o roubo dos bens dos moradores das comunidades. Este foi o caso de um morador da Vila Cruzeiro, que teve uma rescisão trabalhista de 31 mil reais roubada⁵ por policiais.

O caso específico do Alemão revela algo de maior amplitude: relação direta, benefício econômico e organização conjunta do comércio de tráfico de drogas com as instituições policiais do Estado. A queda recente de Beltrame, subsecretário da Polícia Civil, e mais de vinte policiais envolvidos num esquema



de venda de fuzis para traficantes e milicianos comprova o ditado popular de que “a oportunidade faz o ladrão”. Enquanto combatia facções de traficantes, o subsecretário dava apoio a uma “milícia” em Ramos. O subsecretário era o braço direito do chefe da Polícia Civil Alan Turnowsky, que também foi exonerado. Este caso particular revela um comportamento que pode indicar uma lógica política em funcionamento. Para captarmos esta lógica, precisamos trocar nossa lente de análise e enxergar a ação do poder a partir de sua capilarização. Traduzindo, precisamos entender a política de segurança não apenas a partir dos “gabinetes” e dos discursos de sua cúpula, mas da ação concreta de seus agentes. O **crescimento das milícias paramilitares** controladas por policiais, bombeiros e ex-policiais acompanha a repressão do governo ao tráfico em determinadas comunidades⁶.

É como se o projeto político fosse substituir o tráfico de drogas, muito mais espalhafatoso e potencialmente prejudicial às campanhas políticas dos envolvidos⁷ (por serem pouco confiáveis de controle), pelas milícias administradas por redes mais estáveis. Estas redes são confiáveis para a manipulação de caciques políticos. **Como as milícias atravessam o quadro institucional da própria**

“(…) a única missão da ciência é esclarecer a vida, e não governá-la.”

Mikhail Bakunin

estrutura da secretaria de segurança pública e da Assembléia Legislativa, seu controle pelo governo torna-se mais ágil, fácil e barato. Por exemplo, desde 2007 denúncias de moradores e de organizações não-governamentais apontavam aquilo que a imprensa corporativa negava; **policiais alugaram blindados (caveirões)⁸ para diferentes facções de traficantes e milicianos para tomar as bocas de fumo das quadrilhas rivais.** Em recente reportagem, o delegado da Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas (DRACO), Cláudio Ferraz⁹, revelou que um sargento da PM articulava com outro miliciano **uma operação da Polícia Civil** na Favela da Coréia. Se o projeto das UPP's tem um custo elevado para as elites, as milícias possuem um efeito colateral (ou planejado) de "aliviar" os custos de possíveis áreas para implantação de novas UPP's.

Concluí-se, deste modo, que o teatro do bem e do mal construído pela mídia, que opõe tráfico de drogas e forças policiais como se fossem coisas opostas, não é nada mais do que uma mentira construída, o que o anarquista Noam Chomsky chama de "Consenso Fabricado". A crise na polícia civil do Rio de Janeiro é apenas

a divulgação de procedimentos internos. E quando o "John Wayne" da polícia militar é surpreendido numa gravação da Polícia Federal negociando armas apreendidas no Complexo do Alemão com traficantes, a "tropa do bem" repentinamente transforma-se em "maus policiais". Mas sabemos que não são "maus policiais", mas são de fato **a política de segurança pública do Estado, REAL E CONCRETA**, que em nome do combate ao tráfico mata ou oprime nosso povo, revelando o **conteúdo de classe**¹⁰ da instituição policial. Guardadas as semelhanças com a frase de Galeano, nos servimos de um trecho de um RAP que resume a proposta das elites com muito mais objetividade do que as análises do especialista em segurança pública da rede Globo, o ex-capitão do BOPE Rodrigo Pimentel, pois na realidade: *"muito preto e muito pobre eu sei que incomoda os nobres"*¹¹.

Notas:

1. Cf. Relatório da União acusa operação policial no Rio de "execução sumária" <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u341949.shtml>
2. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contraco-crime/noticia/2010/11/0-alemao-era-o-cora-cao-do-mal-afirma-beltrame.html>
3. Comprovando a materialidade e o poder do discurso não como mero reflexo de uma barbárie, mas ele próprio, produtor e produto de uma

nova barbárie.

4. Garimpo de ouro no sul do Pará que nos anos 1980 atraiu milhares de pessoas.

5. <http://www.conversaafiada.com.br/video/2010/11/30/video-morador-da-vila-cruzeiro-acusa-policia-de-roubo/>

6. As UPP's construídas pelo Estado foram feitas exatamente nos locais onde ocorrerão as provas dos jogos olímpicos e a Copa do Mundo, obedecendo os desejos dos empreiteiros do mundo dos esportes.

7. Há um vídeo "constrangedor", onde o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, defende a retomada do controle do território do tráfico pelo Estado utilizando como parâmetros a atuação das milícias. <http://www.youtube.com/watch?v=nRBlNXHeo8Y&NR=1>

8. Segundo reportagens: "O Terceiro Comando alugou o Caveirão da PM e arreventou com tudo aqui dentro. Não tem negócio com aquele bicho, é morte certa mesmo", disse D.S, iniciais de um morador do Complexo da Maré. Outros moradores confirmam a história <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4328373-EI5030,00-Dia+Na+Mare+Caveirao+e+inundado+de+criticas+e+leva+medo.html>

9. <http://br.noticias.yahoo.com/s/17022011/25/manchetes-delegado-diz-milicia-usava-estrutura.html>

10. O que acaba com a tese do "trabalhador do ramo da segurança" ou do "companheiro policial". Historicamente, a polícia sempre foi um instrumento das classes dominantes. Apoiar politicamente a "categoria" policial é apoiar o extermínio de parte da nossa classe.

11. Trecho da música *Atividade*, do cd "Só PA Tu Se Ligar" do grupo de Rap Us Neuguin Q Ñ C Kala.



O IIRSA e a resistência dos Movimentos Populares

O IIRSA (Iniciativa para Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana) é um programa estabelecido pelos governos de 12 países na América do Sul, com o objetivo de integrar fisicamente esses países mediante ações conjuntas nas áreas de transportes (rodoviário, portuário, aeroportuário, hidroviário, etc), energia (oleodutos, gasodutos, redes de energia elétrica, etc), logística (quebra de barreiras aduaneiras, mercados de fretes e seguros, etc) e telecomunicações, levando em conta estradas, rios e hidrelétricas. Esses projetos, já em curso em todos os países integrantes, são financiados e impulsionados por organismos multilaterais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Corporação Andina de Fomento (CAF), o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), do Estado brasileiro, etc.

As construções em curso, e de tamanho infra-estrutura, que sem dúvida levarão os países da América do Sul a um aumento exponencial da sua dívida externa, servirão para fundamentalmente maximizar a exploração dos nossos

recursos naturais, acelerar o processo de abastecimento dos mercados internacionais com esses recursos e beneficiar as empresas transnacionais. O "desenvolvimento econômico" para a região que se intenta com esse plano promoverá as condições necessárias para a reprodução do sistema capitalista, por meio da abertura dos mercados mundiais, promoção da iniciativa privada e retirada dos Estados da atividade econômica direta. O que significa uma nova ofensiva, em consonância com tratados de livre comércio estabelecido entre os Estados Unidos e alguns países da região, para a ampliação do modelo neoliberal na América do Sul.

Diante dos objetivos declarados abertamente pelos organismos multilaterais por trás do IIRSA, de promover a abertura da região para os mercados internacionais, sabemos que toda essa infra-estrutura não promoverá o desenvolvimento sócio-econômico da região, mas consolidará ainda mais o espólio das nossas riquezas naturais, perpetuando o histórico de região periférica abas-

tecedora do capitalismo internacional. O que somente continuará enriquecendo as classes dominantes e manterá as veias do nosso continente abertas para o saque. Como consequência de tal modelo haverá, inegavelmente, ocupação de terras indígenas, remoção inteira de populações locais, alterações em leis ambientais, etc. Só no Brasil, por exemplo, das 137 unidades de conservação, metade será afetada por projetos ligados ao IIRSA, o que, sem dúvida, provocará sérios impactos ambientais. Por essas razões, entendemos que o plano IIRSA e o modelo de desenvolvimento que fomenta provocarão mais perda de soberania, precarização do trabalho, desigualdade social e roubo dos recursos naturais do continente.

Dado a forma como esse plano vem sendo implementado desde o seu início, em 2000 – com total desconhecimento social, silêncio dos governos e das mídias corporativas, sem qualquer consulta às populações locais que já estão sendo afetadas por ele e as que ainda serão – e a abrangência de suas ações conjuntas,

que operarão em todo o continente, diversas organizações populares pelo continente, muitas delas reunidas no IX Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas (ELA-OPA), ocorrido em São Paulo no mês de janeiro, concordaram ser de fundamental importância que o IIRSA seja um tema em torno do qual os movimentos devem atuar nos próximos anos.

O IIRSA é só um dos motivos dentre os quais os movimentos populares podem e devem se organizar. Sabemos que as necessidades nos unem em torno das mais diferentes questões: aquelas relativas ao campo do trabalho, à moradia, à terra, aos serviços públicos, aos recursos naturais, à comunicação, à cultura, às opressões de gênero, raça e etnia, à educação, dentre tantas outras. São questões que resultam da sociedade de classes em que vivemos, em que um pequeno grupo das classes dominantes detém o poder e as grandes majorias são oprimidas, exploradas, dominadas.

A intervenção nesta correlação de forças só é possível por meio da organização, quando nos associamos aos nossos semelhantes e, juntamente com eles, construímos alternativas de luta. A essas organizações, que unem pessoas que fazem parte do campo oprimido e que se articulam em torno das necessidades, dá-se o nome de movimentos populares ou de movimentos sociais. Unindo a necessidade, a organização e a vontade que temos de transformar a sociedade, conseguimos potencializar nossas forças e unidos, intervir de maneira mais adequada na realidade.

O principal problema que hoje enfrentamos é a falta de mobilização das classes oprimidas que, em sua ampla maioria, estão desorganizadas e sem contribuir efetivamente no processo de luta de classes dentro do qual estamos inseridos. Portanto, mobilizar, realizar o trabalho de base, organizar para a luta e para a resistência parece uma necessidade das mais importantes.

No entanto, não basta qualquer tipo de organização. Quando estivermos mobilizando, realizando trabalho de base e criando movimentos sociais, devemos estar atentos para que estes contribuam com o nosso projeto de transformação social. Infelizmente, hoje em dia, os diversos setores que estão organizados, na imensa maioria, não contribuem neste sentido e a razão disso ocorrer é por estarem completamente burocratizados. É fundamental, por este motivo, além da criação de novas organizações, que nos-

sa militância participe de movimentos já existentes.

Em ambos os casos, é imprescindível a promoção dos princípios que nos unem, como por exemplo aqueles que fundamentam o ELAOPA. A defesa da solidariedade e da independência/autonomia de classe, da solidariedade, da luta popular e da democracia de base, no intuito de construir o poder popular em nossas terras, materializa esta forma de trabalho dos movimentos populares.

Acreditamos que, associadas nos movimentos sociais, as classes oprimidas devem se organizar com base na solidariedade de classe, criando a possibilidade de trabalhos conjuntos e alianças entre os diversos setores do povo, ou seja, das classes oprimidas (trabalhadores da cidade do campo, precarizados/desempregados, etc.) sem priorizar uma ou outra fração de classe. É também fundamental saber manter a independência/autonomia de classe, naquilo que diz respeito aos partidos políticos, aos governos, às empresas, ONGs e outros que não se encontram do nosso lado na luta de classes. Além disso, a hierarquia deve dar lugar às decisões democráticas a serem tomadas pelas próprias bases

dos movimentos, o que é fundamental para irmos criando hoje a sociedade em que queremos viver amanhã.

É somente por meio da luta popular de massas, articulada nos movimentos populares, que poderemos acumular forças de maneira a conseguir vitórias no curto prazo e ir acumulando para um processo de mais longo prazo, quando nossa força poderá ser capaz de superar as forças das classes dominantes, tornando possível a construção de uma nova sociedade.

Quando defendemos que a construção do poder popular deve começar desde já, significa que este acúmulo de forças, sendo realizado a partir dos princípios colocados, pode começar a moldar a sociedade que queremos construir. Poder, neste sentido, não significa Estado e nem as suas instâncias, significa a superação das forças das classes dominantes pelas forças das classes oprimidas, um sistema de regulação completamente distinto, autogerido e decididamente democrático, em que não há exploradores e explorados, dominadores e dominados. Popular, pois nosso projeto de poder é de classe, e se forja no seio das classes oprimidas, na luta e na resistência.



20 Teses sobre o Poder Popular

Felipe Corrêa

1. Defender o poder popular implica reconhecer que a sociedade presente é uma sociedade de classes, separada entre classes dominantes e classes oprimidas, cujas relações de dominação forjam-se em seu seio e apontam para um processo de luta de classes permanente, envolvendo questões econômicas, políticas e culturais-ideológicas.

2. Essa sociedade, conforme vem demonstrando a história, não caminha para a autodestruição e, portanto, é a vontade das classes oprimidas, organizadas nos movimentos sociais, que pode oferecer uma possibilidade de mudança na correlação de forças da atual sociedade.

3. Os movimentos sociais são espaços privilegiados de organização das classes oprimidas e, portanto, os organismos a partir dos quais essas classes poderão acumular força social e aplicá-la no conflito de classes, visando superar a força das classes dominantes.

4. Construir o poder popular implica, assim, desde já, organizar novos movimentos sociais e integrar movimentos já existentes, defendendo uma posição de fortalecimento permanente. E ele só poderá surgir e realizar-se com e pelo povo, enquanto classe.

5. Ainda que o poder popular seja um projeto de longo prazo (quando a força das classes oprimidas supera as forças das classes dominantes), ele começa a desenvolver-se e se fortalece a partir das experiências de mobilização e luta de curto prazo, forjadas sobre necessidades imediatas da população. Portanto, construir o poder popular exige uma atuação imediata e não de espera em relação a outros fatores que possam trazê-lo sem maiores esforços, pois é na sociedade presente que se desenvolve o embrião da sociedade futura.

6. O poder popular se fortalece na medida em que os movimentos sociais utilizam a democracia direta como método decisório, ao tomarem decisões de maneira igualitária e coletiva, fortalecendo a construção pela base, ou seja “de baixo para

cima” ou “da periferia para o centro”, e acabando com as relações de dominação que existem dentro deles. Neste sentido, a construção do poder popular envolve um processo de democratização dos organismos de base, “um exercício da democracia solidária, de participação direta e de construção da consciência de classe”, que só tem sentido a partir de uma associação voluntária. Processo que se fortalece pelo exercício permanente da autogestão e do federalismo, em “organismos amplamente democráticos e participativos”, apropriando-se da política que privilegia a esfera do Estado.

7. O fortalecimento do poder popular se dá a partir de iniciativas que têm por objetivo dar protagonismo aos movimentos sociais, atuando pela ação direta – e, portanto, fora das instâncias da democracia representativa –, e com autonomia em relação a instrumentos, instituições e/ou indivíduos, sendo capaz de autodeterminação e de auto-sustentação.

8. Democracia direta, ação direta e autonomia são mecanismos que, nos movimentos sociais, criam horizontalidade, conhecimento e envolvimento com os processos de luta, e, por isso, fortalecem o poder popular.

9. Esses mecanismos permitem exercitar, no seio das lutas dos movimentos sociais, novas práticas, valores e sentimentos, que estimulam uma cultura popular que contribui com a consciência de classe – em um processo que surge a partir da luta das próprias classes oprimidas, de sua “práxis” inovadora, lutas/reflexão, prática/consciência, erros/acertos” – e com diversas outras práticas diferentes daquelas estimuladas pela atual sociedade.

10. O poder popular constrói-se a partir de uma noção de dupla função dos movimentos sociais: as lutas pelas questões de curto prazo e a perspectiva de longo prazo e, portanto, envolve objetivos de curto e longo prazo. Assim, o poder popular cresce à medida que os movimentos sociais envolvem-se nas lutas imediatas e, superando a noção de curto prazo, são capazes de aliar-se com outros, forjando as bases de uma ampla associação das classes oprimidas, atuando conscientemente em proveito próprio e buscando o socialismo.

11. As conquistas de curto prazo, que se poderiam chamar reformas, só contribuem com o poder popular na medida em que são conquistadas pelos movimentos sociais organizados pela base e, portanto, possuem função pedagógica ao estimular o conjunto da militância “pensar, propor e fazer o seu próprio destino e os destinos da comunidade, da região e de um país, respeitando-se as diferenças culturais e as individualidades”.

12. Assim, o socialismo só pode ser uma ideologia que surge dos movimentos sociais na construção do poder popular, envolvendo “lutas, mobilizações de amplos setores populares em resistência. Não é ciência, mas ideologia e, portanto, envolve aspirações, valores e esperanças de classes, coletivos e povos oprimidos.” Assim, entende-se que “a ideologia não vem de fora, se produz no próprio seio das práticas, nas idéias e nos comportamentos que o povo vai realizando através de seus diversos enfrentamentos.” Esse socialismo só pode ser buscado a partir de uma perspectiva revolucionária, que necessariamente envolve a defesa do poder popular.

13. O poder popular como socialismo realiza-se plenamente “em uma nova sociedade de igualdade e liberdade, ou seja, uma sociedade em que o domínio não exista e as associações e organizações sejam voluntárias, não-alienadas e que não haja mais exploração e dominação; uma sociedade em que haja liberdade individual, mas que esta se dê dentro da liberdade coletiva.” E dessa forma, constitui-se como uma democracia popular, “um permanente exercício de construção de hegemonia da classe trabalhadora, o mais horizontal possível”.

14. Construir o poder popular implica uma reflexão crítica acerca dos meios a serem utilizados, pois eles devem necessariamente apontar para os fins escolhidos, ou seja, deve haver uma coerência entre meios e fins. Isso implica um trabalho coerente de escolha de objetivos (curto e longo prazo), de estratégias e táticas.

15. Meios equivocados levam a fins equivocados. Portanto, há “meios, orientações, uso de instrumentos, utilização de instituições, forma de organização de atividades sociais, que devem ser dispensados”. Utilizar a lógica do atual sistema significa ser incorporado por ele, já que os dispositivos atuais do poder vigente “absorvem, exprimem, fazem funcional o que entra em sua circulação”. O conjunto institucional atual está “cheio de produções constantes a favor de manter e reproduzir um tipo de ordem social. De manter a dominação. Não parece ser uma boa estratégia escolher as vias, os lugares e os trajetos que têm dono e o poder de imprimir seu selo ao que ali entra.”

16. “Usar todos os meios’ pode ser uma maneira efetiva de assegurar que não possa emergir nenhuma estratégia antagonica, portadora dos elementos de desestruturacao do sistema vigente”. Assim, o caminho é “não entrar no núcleo duro do sistema com vistas à mudança” e, portanto, a atuação por meio dos mecanismos institucionais do Estado deve ser descartada.

17. Meios que contribuem para o desenvolvimento do poder popular devem necessariamente ser coletivos. Devem “criar novas formas de relações humanas, novas relações societárias, novas relações políticas”, cotidianamente, com foco em “como se orienta e concretiza o trabalho político e social permanente”. No seio das classes oprimidas são produzidas diariamente novas relações sociais, implicando mudanças culturais significativas, relações essas que devem contribuir com os meios de se construir o poder popular e condizer com seus objetivos. Em suma, “se queremos liberdade, o nosso fazer tem que ser libertário”.

18. É, portanto, no seio das lutas que se constrói o poder popular e, por consequência “outro sujeito histórico, tanto no pessoal como coletivo”. Um sujeito que “não é determinado *a priori*, mas historicamente”, no seio das lutas dos movimentos sociais.

19. A construção do poder popular implica a necessidade de uma potencialização da força social dos indivíduos e dos movimentos sociais que nela trabalham. Envolve, portanto o “bom aproveitamento de seus recursos (materiais, humanos e organizativos), estruturas e processos”.

20. O estabelecimento de objetivos de curto e longo prazo, a coerência entre meios e fins e a potencialização da força social apontam para a eficiência dos movimentos sociais na construção do poder popular, por meio do bom aproveitamento de seus recursos, das estruturas e dos processos adequados.

Bibliografia:

CORREIA, Felipe (2010). *Criar um Povo Forte*. São Paulo: Faisca.

FAU/FAG (2009). “Wellington Gallarza e Malvina Tavares: material de trabalho para formação teórica conjunta”.

FAU/FAG (2010). “O Poder Popular desde a Concepção Anarquista”.

LÓPEZ, Fabio López (2001). *Poder e Domínio: uma visão anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé.

MAURO, Gilmar (2006). *Construir o Poder Popular: o grande desafio do novo século*.

MECHOSO, Juan Carlos (2009). “A Estratégia do Especificismo: entrevista a Felipe Corrêa”.

SAMIS, Alexandre (2010). *Sindicalismo e Movimentos Sociais*. São Paulo: Faisca.



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Libera 20 anos: Em junho próximo o *Libera* irá completar 20 anos de publicação ininterrupta, chegando ao seu número 150. Hoje, o nosso informativo é o periódico anarquista de maior longevidade contínua na história do Brasil. O *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa* (NPMC) está preparando um DVD comemorativo com todos os *Liberas* digitalizados, textos sobre a sua história e trajetória, e depoimentos de seus leitores. Pois é, você pode participar enviando até o final de maio para o email do NPMC (marquesdacosta@riseup.net) ou da FARJ (farj@riseup.net) seu depoimento escrito ou filmado dando sua opinião sobre o *Libera*, como você o conheceu, o que ele representa para você e para o anarquismo na sua região e no Brasil, etc. Sua contribuição é importante para a história da imprensa libertária no Brasil.

Mudança de nome: A *Federação Anarquista de São Paulo*, após aproximadamente 1 ano de atividades em favor do anarquismo

organizado e aproximadamente 3 anos de construção de uma organização anarquista especificista no Estado de São Paulo, informa a mudança de sua denominação para *Organização Anarquista Socialismo Libertário* (OASL). O novo email é: oasl@riseup.net.

Inauguração: A *Coluna Libertária Joaquin Penina*, organização irmã, inaugurou no dia 25 de fevereiro o *Centro Social Anarquista de Rosário*, localizado à Calle Ituzaingo 1544, Rosário, Argentina. Durante o evento, a CLJP expôs aos presentes suas propostas de ação para a militância social e as lutas populares. Inspirando-se em Malatesta, “fomentar todo tipo de organizações populares é a consequência lógica de nossas idéias básicas e, portanto, deveria ser uma parte integral de nosso programa...Os anarquistas não querem emancipar o povo, querem que o povo faça sua própria emancipação.” Os compas solidam o envio de livros e periódicos para o acervo do CSA através do endereço acima.

Agressão covarde de Fascistas em São Paulo: Um grupo de cerca de 10 skinheads atacou covardemente participantes de um evento organizado pelo movimento anarcopunk de São Paulo e que visava denunciar a intolerância, a homofobia e o fascismo. Quatro companheiros/as foram feridos/as com facas. Um destes sofreu perfuração no crânio e foi submetido a cirurgia. Os skinheads foram detidos pela polícia portando punhais, machadinhas e facas com inscrições nazistas. Deixamos registrada aqui nossa solidariedade com os/as companheiros/as agredidos/as. Alertamos a todos/as para a crescente escalada de ódio dos grupos de direita, que se utilizam da prática repulsiva do ganguismo para disseminar a intolerância.

“Monstrorista” ataca bicicletada em Porto Alegre: Como diria Zeca Pagodinho: “você com uma arma na mão é um bicho feroz.” E a arma em questão era um automóvel. O bancário Ricardo José Neis acelerou covardemente seu carro em cima dos participantes da bicicletada. O saldo foram 15 ciclistas feridos gravemente. As chocantes cenas filmadas, que mostram os ciclistas sendo arremessados, deixam claro a intenção homicida do motorista. Por sorte, nenhum(a) ciclista morreu. A bicicletada vai muito além de um passeio ciclístico, e questiona também o modelo de transportes priorizado pelos governos e pela indústria econômica. Estes, longe de fortalecerem o transporte coletivo e ecológico, priorizam apenas a lógica do transporte privado e motorizado.

Mais despejos e remoções: A política de remoções e despejos prossegue com força total. A Ocupação Gaia, localizada em Santa Teresa e recentemente formada, fora despejada pela força de choque do prefeito Eduardo Paes e do governador Sérgio Cabral. Também atacada, fora a Vila Harmonia, que mesmo sem comprometer as obras da chamada “Transoeste”, foi covardemente desalojada, à base de ameaças e intimidações da Guarda Municipal. O número de despejos é alarmante. O fascismo institucional continua em curso e atuante.

Cesare Battisti: No dia 16 de março, militantes da FARJ, do MTD Pela Base, da FIST e do Acampamento Indígena Revolucionário participaram do ato de protesto, realizado na porta do consulado italiano no Rio de Janeiro, contra a manutenção da prisão do exilado político Cesare Battisti.

FARJ na região platina: Agradecemos aos companheiros da Federação Anarquista Uruguia e das Colunas Libertárias Joaquin Penina, Malatesta e Durruti, da Argentina, que entre os dias 10 e 25 de fevereiro, receberam calorosamente companheiros de

nossa organização. A visita, apesar de curta, tornou mais forte os laços que se unem na luta libertária sulamericana. Saúde e Anarquia compas!! Arriba los que luchan!!

ELAOPA: Ocorreu no interior de São Paulo, nos dias 22 e 24 de janeiro, o IX Encontro Latino Americano de Organizações Autônomas. Movimentos sociais do Rio, juntamente com a Organização Popular, organizaram-se para levar um micro ônibus com 28 militantes de movimentos como o CCS-RJ, MTD-RJ Pela Base, FIST, MCP e ocupações urbanas. Maiores informações em: <http://www.elaopa.org>

Anarquismo Organizado: Em São Paulo, entre os dias 25 e 29 de janeiro, realizaram-se as Jornadas Anarquistas, seguidas do Fórum do Anarquismo Organizado. A FARJ esteve presente, com mais 14 organizações, nestes dois importantes encontros que reforçam os laços e ações entre organizações anarquistas especificistas latino americanas. Leia a declaração final das Jornadas Anarquistas em:

<http://www.anarkismo.net/article/18669>

Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, jornais, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790,
Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

A. Copelli	El-Brujo
A. Varella	Fontes
A. Carvalho	G. Schittini
Alga	João Queijo
Cabelo	Katonigra
CALC	Maikon
Caralâmpio	Poressasbandas
Cav-Negro	Rudesindo
Cauã	Rum
Duarte da Paz	Tutaméia

Durden Poulain

Apoie você também!

farj@riseup.net

Tiragem: 3.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: FAO www.vermelhoenegro.org * ORL - CE resistencialibertaria@riseup.net * FASP www.anarquismosp.org * FAG www.vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * CAZP - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-CAO <http://pro-cao.blogspot.com> * GEIPA <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * VN - BA www.vermelhoenegrofae.wordpress.com * CALC <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> * ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net * ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CLJP www.cljp.com.ar * COLÔMBIA: RLPMK <http://www.redlibertariapmk.org> * BOLÍVIA: OARS <http://www.oars.tk> * CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com * CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> * COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> * CAMA <http://espora.org/cama> * PERU: USL www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-OSL * FAU www.nodo50.org/fau * CSL <http://periodicorjoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net * UCL www.causecommune.net * ITÁLIA: FDCA www.fdca.it * IRLANDA: WSM www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es * www.anarkismo.net